

A CANÇÃO DA TERRA

—o melhor filme português

Um amigo, que não pudera ainda ver a «Canção da Terra», perguntava-me há dias se era justificado o embandeiramento em arco que se fizera à volta do filme de Jonge Brum do Canto. Pois o caso não é para mentos!

Depois de tantos anos de vãs tentativas e de tropeções, depois de tantas esperanças perdidas e de tantas fitas falhadas, aparece enfim o primeiro grande filme português com verdadeiras qualidades de obra cinematográfica. De repente surge um nome novo e, ao primeiro contacto com o público, conquista, aberta e francamente, admiração e aplausos unânimes. Nasce um novo realizador e a sua estreia é uma grande vitória. Se não é caso para embandeirar em arco!

Tenho a impressão de que a «Canção da Terra» nasceu como nasce a obra dum poeta, brotando duma necessidade impertosa de exteriorização. Ao passo que outros são artifices dentro do cinema nacional, fazendo filmes menos por vocação do que por aproveitamento comercial de certas aptidões e determinadas facilidades que souberam vedar aos que chegaram depois, Brum do Canto parece-me ser o artista que despontou e que espontânea e sinceramente está ávido por traduzir plasticamente o mundo de coisas que encerra em si. Prova-o esta coisa: a «Canção da Terra» é um sonho antigo que Brum do Canto defendeu de mil vicissitudes e em que pôs todo o seu coração, toda a sua inteligência, toda a sua vontade... e todo o seu dinheiro.

Evidentemente que «A Canção da Terra» tem, os seus defeitos e as suas insuficiên-

cias, apesar do quanto deve ter sido amadurecida e cuidada. Mas traz em compensação qualidades inéditas em filmes nacionais de grande metragem. Feito um pouco no estilo americano (lá estão, Cassarola e o petiz para darem a nota risonha nos momentos de maior força dramática), o filme tem unidade, tem sequência e tem ritmo. Pela primeira vez se conta uma história de maneira que toda a gente a entenda e sem divagações fora de propósito. Lento, um pouco à maneira das fitas de Luís Trenker, o filme mantém de princípio a filmagem o mesmo andamento. Não há solavancos, mal de que todas as anteriores fitas portuguesas enfermavam (ora salta para aqui, ora salta para ali) e isto é muito apreciável.

Bem sei que de princípio há uma como que dificuldade em começar... em começar sem delongas. E assim ficaram por dizer algumas coisas mais sobre certos personagens, como a Bastiana e a mãe, ou como esse tipo tão pitoresco que é o Cassarola. Mas isto pode considerar-se secundário.

Louvemos a perfeita ligação entre o conflituoso sentimental e o drama da seca, difícil de dar, este último, com a intensidade devida, mas de que o realizador se defendeu com notável habilidade. Magnífica mesmo aquela passagem em que, à notícia de que a chuva se aproxima da ilha, homens, mulheres, crianças, toda a gente, corre a empunhar as enxadas e parte a correr ao encontro da nuvem negra que

por cruel ironia se abrirá sobre o mar a dois passos da terra sequiosa. Muito boa também, muito inteligente, a cena em que a Bastiana vem para casa do rapaz. A luta entre os dois homens, movimentada, violenta, dum realismo emocionante, é outra passagem excelente, muito embora possa ser considerada excessiva a sua duração e estranho que ninguém mais aparescesse, além daquela meia dúzia de ganotos e de mulheres, a assistir ou a presenciar os contendores.

Isto, para só citar duas ou três coisas das melhores. Por outro lado, parece-me pouco convincente a fome, de que tanto se fala, e insuficiente a cena da chuva. Desde o princípio que vamos sendo preparados para esta cena. A chuva é a razão de tudo, é o desejo, a preocupação constante. A seca é a opressão crescente que vai pesando sobre todas as coisas e sobre todos. A chuva seria o alívio. E quando chove, finalmente, (excelente o som das primeiras pingas) o alívio que sentimos não é completo. E' meio alívio e meio desapontamento. A gente queria chuva, mais chuva, muita chuva.

Os intérpretes de «A Canção da Terra», todos os intérpretes, merecem especiais louvores, tanto mais que não são actores profissionais. Mas acima de todos Barreto Pereira surpreendeu-me pela naturalidade, pelo à-vontade, pela sinceridade do seu corretíssimo desempenho. Está aqui um grande actor de cinema!

Oscar Lemos e o miúdo João Manuel fazem um sim-

pático dueto cómico, com simplicidade e graça. Elsa Rumina, que não dera grande conta de si na «Rosa do Adro», tem aqui um trabalho muito razoável. Até está mais bonita! Ora tendo o seu trabalho na «Canção da Terra» sido anterior ao da «Rosa do Adro», daqui se conclui, mais uma vez, que quanto melhor é o realizador melhor sai o desempenho dos artistas.

Música muito agradável. Não só na parte em que é comentário das imagens, mas ainda nas canções, todas elas muito felizes.

Fotografia de Aquilino Mendes muito boa, e, tendo em atenção que dois terços do filme se passam em exteriores, de notar a sua uniformidade quasi constante.

Bons diálogos, simples e cuidados. Som quasi sempre excelente à excepção de algumas cenas em «dubbing», em que a imagem e o som não estão em concordância de planos.

Devo notar, ao terminar esta rápida apreciação crítica, esse facto, também pouco vulgar no cinema português, que «A Canção da Terra» ser uma história humana, em que os seus heróis são seres que sofrem, riem, choram, que sentem, que vivem, em suma, e não fantoches perdidos na barafunda das coisas que os cercam. Brum do Canto imaginou e realizou um filme a sério, a valer, um filme honesto, viril e são.

Só desejo que possa fazer outro melhor e que os louros deste primeiro sucesso não tragam a Brum do Canto a fátua impertinência da vaidade.

ALVES COSTA

um filme humano — RUAS DE NEW-YORK

Mais preocupado com as possibilidades comerciais dos filmes do que propriamente com o seu conteúdo artístico, o cinema americano, até há poucos anos, desprezando o seu dilatado papel educador dava-nos quasi exclusivamente produções que mostravam uma tal leviandade na compreensão da vida que desolava e confrangia. A's comédias de finalidade educativa nula sucediam-se os trágicos dramalhões onde as figuras se agitavam movidas por sentimentos que nós constatávamos com espanto serem estranhas ao nosso mundo.

Felizmente, no cinema do velho mundo, nessa altura no apogeu, embora na generali-

dade enfermasse dos mesmos defeitos, havia contudo uma pleiade de valores como René Clair, Pabst, Eisesenstein, que, com uma exata compreensão do verdadeiro sentido do cinema realizavam obras profundas de humanidade—qualidade primordial em qualquer obra de arte—onde nós reconhecíamos aqueles personagens com quem diariamente roçamos na vida mas em cujo drama não reparamos, ou das quais no ridículo não atentamos.

Observando o caminho errado por onde estavam a se-

guir e querendo modificar a sua orientação, os dirigentes holywoodenses começaram a atrair os europeus com o íman poderoso do seu ouro.

E à medida que os valores artísticos do velho mundo atravessavam o Atlântico, o cinema europeu ia decaindo gradualmente até atingir o nível em que se encontra na quasi totalidade da Europa, embora se note agora um feliz ressurgimento nos cinemas francês e inglês.

Como não podia deixar de ser, esta assimilação de valores tão diversos beneficiou

extraordinariamente a produção americana, não só pela intervenção directa nos filmes dos valores importados, como também pelas influências por eles exercidas na personalidade dos cineastas locais. Devido a esta simbiose, da perfeição artística europeia com a perfeição técnica que o cinema americano sempre possuiu, começaram a aparecer nos nossos ecrãs, provenientes da América, filmes de indiscutível classe, que ficarão como marcos na história do cinema.

A comprovar esta nossa afirmação temos o admirável filme «Ruas de Nova York» há pouco exibido entre nós.

(Continua na página imediata)